Home
Blogs
Colunas e Charges
Galeria de Fotos

Primeiro Caderno
Economia
Editoriais
Esportes
Geral
Mundo
Polícia
Política

Seções
Artigos
Obituário
Palavra do Leitor
Pelo Mundo
Pelo Rio Grande

Cadernos
Ambiente
Campo e Lavoura
Casa & Cia
Cultura
Donna ZH
Empregos
Gestão
Globaltech
Meu Filho
Segundo Caderno
Sobre Rodas
TV+Show
Vestibular
Viagem
Vida
ZH Digital

Cadernos de Bairro

David Coimbra

27/06/2007

Mas não se matam cavalos?

Ouvi dizer que as TVs agora estão promovendo maratonas de dança. Eram moda nos Estados Unidos, as maratonas de dança, isso na época da Grande Depressão. Esclareça-se que a Grande Depressão não foi um tempo em que os americanos ficaram muito tristes e tiveram de procurar psicanalistas e tomar Prozac. Não. Foi uma brutal crise econômica que abalou o país depois da quebra da Bolsa de Nova York, em 1929. Empresas faliram em um só dia, houve gente que perdeu tudo o que tinha em um par de horas. Desesperados, homens de negócios atiravam-se do alto dos prédios de Manhattan ou enforcavam-se com suas gravatas ou, horrível, injetavam uma bolha de ar na veia. Nunca houve tanto suicídio, nos Estados Unidos, como naqueles tristes anos.

As maratonas de dança foram um subproduto da depressão. As pessoas fazem qualquer coisa para sobreviver, e naquele tempo a sobrevivência tornou-se difícil. Então, os casais se submetiam a tais provas. Passavam semanas, até meses, dançando, dançando, dançando. Vencia o último par que conseguisse agüentar de pé. Tudo isso por um prêmio pouco mais do que irrisório, mas que, em tempo de miséria, parecia uma fortuna.

Horace McCoy participou de algumas dessas maratonas de dança, e o fez tão-somente em troca de comida. Foi a partir dessa experiência que escreveu um dos grandes clássicos da literatura norte-americana, Mas não se matam cavalos? Li o livro nesse fim de semana, na versão de bolso lançada pela L&PM. É genial. Nos anos 60, esse livro rendeu um belo filme com Jane Fonda no papel principal. O título do filme em português também era muito bom: A noite dos desesperados.

Eu, depois que leio um livro que me empolga, passo dias pensando na história, vivendo o clima da narrativa. Pois tenho pensado em Mas não se matam cavalos? e na Grande Depressão. Porque foi nesse tempo que os americanos produziram o melhor da sua arte. As vinhas da ira, de John Steinbeck, por exemplo. Não é qualquer país que gera um As vinhas da ira. E não é qualquer tempo. Só um tempo de desespero pode elevar uma geração a tal dimensão criativa. É a dor que engrandece o homem. A dor. O Grêmio cresceu, quando se refocilou no barro da segunda divisão. Mas também não é por isso que vai querer voltar para lá, não é? Tampouco o Inter, que ora vagueia pelas imediações daquele pântano infecto. É melhor que o Inter reaja o quanto antes. Afinal, o desespero só é bom mesmo para a literatura.

Promoções

Acústicos e Valvulados - Contracapa



Participe!

Mural

Você acredita na reencarnação do espírito?

Veja mais »

Qual a sua opinião sobre o foguetório que as torcidas dos times da Capital promovem no entorno dos hotéis em que estão hospedados seus adversários?

○ Os fogueteiros devem ser presos
○ Faz parte do futebol

VOTAR RESULTADO

Página inicial
Meus favoritos